



Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação e Publicidade Ltda | Jornalistas Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

13/11/2014 - Teletime

Venda da PT só servirá para pagar dívida se não houver consolidação para Oi

Mesmo com uma dívida chegando a R\$ 47,8 bilhões em setembro e com receita em queda, a Oi espera que seu plano de turnaround coloque todos os astros alinhados para conseguir vender seus ativos, especialmente os ativos das operações portuguesas, para financiar sua busca contundente pelo papel ativo em uma eventual consolidação do mercado brasileiro. Não ocorrendo isso, aí sim, o montante seria destinado para abater a dívida. Mas a intenção original é manter o plano de crescimento inorgânico: durante teleconferência para analistas nesta quinta, 13, o presidente interino e diretor de relações com investidores, Bayard Gontijo, repetiu inúmeras vezes o mantra: "Vamos ser protagonistas na consolidação do Brasil – aliás, já somos", disse ele.

A justificativa de Gontijo é que o próprio mercado leva a esse movimento com sua competitividade crescente, alta demanda por investimentos e peso regulatório. "Assim, melhoramos a equação de retornos, investimentos e demanda de tráfego. A melhor maneira de fazer isso é com a consolidação", argumenta, acrescentando que há no momento um alinhamento entre todos os players. O executivo não definiu ainda exatamente como isso seria feito, mas afirma estar aberto a qualquer possibilidade. "Não temos preconceito em como isso vai acontecer, o que queremos é criar o máximo de valor ao acionista no processo".

O plano da Oi envolve necessariamente a venda da PT Portugal, atualmente com duas propostas na mesa, ambas valoradas em cerca de 7 bilhões de euros cada (da Altice e dos fundos Apax e Bain), para ajudar no financiamento. "É muito difícil alinhar e garantir que as coisas vão acontecer, mas assumimos compromissos que vamos usar o caixa da venda de ativos para, ou participar da consolidação, ou para pagar a dívida. O que podemos garantir é que

será usado apenas para esse propósito", destaca. Ele garante também que não serão necessários empréstimos. "Se vendermos os ativos, não vamos gastar capital adicional para fazer isso, vamos vender sem acessar o mercado de equity". Vale lembrar aqui também que a Oi já está no limite de sua alavancagem, o que dificultaria tomada de mais empréstimos, embora destaque em sua apresentação de resultados que tem uma "sólida posição de liquidez e baixa necessidade de financiamento até ao início de 2016".

Ainda assim, o CEO interino diz não ter pressa para escolher entre as duas. "A coisa boa é que temos duas propostas. Estamos negociando, não quero colocar um deadline. Não estou preocupado com o tempo, e sim em entregar um bom valor para os shareholders", afirma. Ele diz reconhecer que a venda desse ativo é importante para o plano de consolidação, mas garante que tem "um bom espaço para entregar um bom negócio".

O executivo diz não ter preferência entre as duas propostas, mesmo em relação a impactos regulatórios no caso da Altice, que já tem atuação portuguesa. "A pergunta tem que ser feita ao regulador em Portugal (a Autoridade Nacional de Comunicações – Anacom). Eu não consigo ver, e é a opinião da Oi, nenhum tipo de risco com nenhum dos dois pretendentes", declara. A possibilidade de haver um veto dos acionistas portugueses, que poderiam estar interessados em manter o plano original de fusão com a brasileira, é minimizada. "Assim como outros acionistas ainda controladores da Oi, eles têm acordos de acionistas que votam alinhados. Nesse sentido, têm que estar todos de acordo com a proposta. Se algum deles se mostra conflitado no evento, ele pode deixar que outros decidam ou a gente pode submeter o assunto a uma assembleia", explica.



Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação e Publicidade Ltda | Jornalistas Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

Gontijo é claro em rechaçar a oferta pública de aquisição (OPA) de ações da PT SGPS feita pela bilionária angolana Isabel dos Santos. A OPA, realizada através da empresa Terra Peregrin, totaliza um negócio de 1,21 bilhão de euros e tem como alvo as ações da empresa que tem como ativos apenas os títulos da dívida de 897 milhões de euros da Rioforte e a participação de 26,7% na Oi. " Não sabemos se será OPA ou tender offer, mas rejeitamos todas as condições e não queremos mudar nenhum ponto".

Mais vendas

Da mesma forma, há a venda de ativos na África, a Unitel, outra operação que Bayard Gontijo afirma não ter " constrangimento em relação ao tempo que essa transação vai levar". Segundo ele, a empresa não tem proposta, mas diz que continua avaliando o negócio e se mantém aberto. A empresária angolana Isabel dos Santos é sócia da Oi na Unitel, com 25% do capital da empresa, a mais problemática das operações africanas herdadas da PT.

Há também outros ativos na manga. Um deles é a venda de torres de celular anunciada em junho e que deverá ser concluída em dezembro, no valor de R\$ 1,2 bilhão e um impacto no lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (EBTIDA) " de rotina" de R\$ 1 bilhão no último trimestre. Além disso, a operadora conta com aproximadamente mais mil torres que deverá vender também em 2015. Até

o momento, a venda de ativos, que incluem mais torres, imobiliário e a companhia de cabos submarinos GlobeNet, durante os últimos 12 meses, afirma a empresa, gerou R\$ 5,3 bilhões e um ganho de R\$ 3 bilhões no EBTIDA de rotina.

Tiro ao alvo

Até pelas condições financeiras e por supostamente oferecer um valor menor (por ser partilhado), o objeto da compra, ao que tudo indica, continua sendo uma fatia da TIM, ainda que esta tenha rejeitado por inúmeras vezes haver negociações ou sequer uma real intenção de efetuar tal transação, que ainda precisaria ser aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e pela Anatel. A própria controladora, Telecom Italia, até reconhece que poderia ceder a uma proposta de valor irrecusável, mas diz que continua com os planos de operação normalmente. " Eu respeito eles (a TIM), acho que, novamente, eles têm a visão deles no processo. Até então, contratamos o BTG para ser nosso comissário, mas nosso negócio é criar valor", declara Bayard Gontijo.

" Estamos conversando com potenciais compradores, estão vendo conosco. Mas nada em termos de propostas concretas até então. É um processo longo, mas estamos andando e achamos que vamos cristalizar essa venda de ativos", conclui.

14 de novembro de 2014

Maioria dos empregos criados no Brasil são no nordeste, aponta IBGE

De cada três empregos criados no Brasil entre os meses de abril e julho deste ano dois foram no nordeste. Os dados foram divulgados pelo IBGE

e comparam o segundo trimestre de 2014 com o mesmo período do ano passado.

Veja mais em:

<http://www.vermelho.org.br/noticia/253168-29>



13/11/2014 - Teletime

Ericsson anuncia corte de custos e demissões de funcionários no mundo todo

A fabricante sueca Ericsson pretende acelerar os cortes de custos, o que inclui a redução do número de empregados. A meta da fornecedora de equipamentos de telecomunicações é economizar cerca de 9 bilhões de coroas suecas (o equivalente a US\$ 1,21 bilhão).

A empresa diz que a economia virá de uma série de iniciativas. Entre elas estão racionalizar o portfólio de produtos e a cadeia de suprimentos da empresa, reduzindo os custos indiretos, bem como a eliminação de alguns postos de trabalho. A empresa, no entanto, não divulgou o número de funcionários que pretende demitir – até o fim do ano passado, a empresa possuía 114 mil empregados em todo o mundo.

A Ericsson calcula que os custos com a reestruturação devem ficar em torno de 3 bilhões de coroas a 4 bilhões de coroas suecas (entre US\$ 400 milhões e US\$ 540 milhões), acima dos 2 bilhões de coroas anteriormente projetados para até 2017. "Os principais componentes do nosso plano de melhoria do lucro é fortalecer o core business, concentrar esforços em áreas específicas e, ao mesmo tempo, continuar a melhorar o nosso fluxo de caixa", disse Jan Frykhammar, diretor financeiro da Ericsson, ao The Wall Street Journal.

De acordo com o executivo, a Ericsson esperava que os custos operacionais atingissem o pico neste

ano, mas "acreditamos que podemos fazer mais para aumentar a eficiência e reduzir os custos".

A Ericsson é a principal fornecedora de tecnologias e soluções de redes para as teles. Com o aumento do uso de smartphones e outros dispositivos conectados, os clientes da empresa se deparam com uma crescente demanda por mais velocidades no tráfego de dados móveis. No entanto, a tecnologia de rádio tornou-se uma commodity, abrindo a porta para concorrentes de baixo custo da China, o que coloca enorme pressão, num mercado já saturado, sobre os fabricantes tradicionais de equipamentos de telecomunicações. Diante disso, a Ericsson passou cada vez mais a concentrar o foco no fornecimento de serviços e software que as operadoras de telecomunicações usam para administrar e operar suas redes.

Em um briefing com investidores, a fabricante sueca disse que está confiante que pode ganhar participação de mercado, crescendo mais rápido do que o mercado global. Estimativas da própria empresa indicam que o mercado de rede móvel deve crescer entre 3% e 5% ao ano até 2017, enquanto o mercado total de equipamentos de rede deve expandir entre 2% e 4%. Já a indústria de serviços de telecomunicações deve crescer entre 4% e 6% e o mercado de sistemas de apoio, aumentar entre 7% e 9%.



Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação e Publicidade Ltda | Jornalistas Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

13/11/2014 - Portal Vermelho

Caixa registra lucro de R\$ 5,3 bilhões de janeiro a setembro

O aumento das receitas com as operações de crédito e os investimentos em títulos e valores mobiliários fizeram a Caixa Econômica Federal lucrar R\$ 5,3 bilhões de janeiro a setembro, 5,6% a mais que no mesmo período do ano passado. Os números foram divulgados nesta quinta-feira (13) pelo banco, que publicou o balanço do terceiro trimestre.

Nos últimos 12 meses, o retorno sobre o patrimônio líquido médio atingiu 17,8%. Nos últimos 12 meses, o retorno sobre o patrimônio líquido médio atingiu 17,8%. Somente de junho a setembro, o lucro líquido alcançou R\$ 1,9 bilhão, alta de 1% sobre o trimestre anterior e de 1,7% em relação ao mesmo trimestre do ano passado. Nos últimos 12 meses, o retorno sobre o patrimônio líquido médio atingiu 17,8%.

De acordo com o banco, o crescimento do lucro líquido nos nove meses do ano decorreu principalmente do aumento de 44,4% nas receitas financeiras de crédito e da alta de 47,8% no resultado da carteira de títulos e valores mobiliários, na comparação com o mesmo período de 2013. As receitas com as tarifas bancárias subiram 12%, mas a Caixa esclarece que a alta se deve à ampliação do número de clientes e dos canais de relacionamento, não ao aumento de tarifas.

No período, as receitas totais alcançaram R\$ 98,2 bilhões. Pela primeira vez, os ativos próprios da instituição financeira superaram a marca de R\$ 1 trilhão, montante 5,8% acima do registrado no segundo trimestre e 18,6% maior que o do terceiro trimestre de 2013.

De janeiro a setembro, a Caixa injetou R\$ 501,1 bilhões na economia brasileira. O valor engloba tanto as concessões de crédito como o pagamento de benefícios sociais, investimentos em infraestrutura própria, remuneração de pessoal e destinação social das loterias.

Somente as contratações de crédito acumuladas

até setembro somaram R\$ 364,2 bilhões, alta de 6,6% em relação a igual período do ano passado. Com 6 mil contratos assinados todos os dias, as operações habitacionais corresponderam a 25,9% do total (R\$ 94,2 bilhões). Somente no Programa Minha Casa, Minha Vida, foram contratados R\$ 25,8 bilhões no período, no total de 321,6 mil unidades habitacionais.

As contratações para operações de infraestrutura e saneamento alcançaram R\$ 20,7 bilhões, crescimento de 17,2% na mesma comparação. Do total, R\$ 3 bilhões destinaram-se ao saneamento básico, R\$ 8,3 bilhões a financiamentos de energia e logística, R\$ 4,1 bilhões à operações de mobilidade urbana e R\$ 5,3 bilhões à infraestrutura urbana.

As operações de crédito comercial somaram R\$ 189,9 bilhões até setembro, aumento de 8,1% em relação ao registrado no mesmo período de 2013. Desse total, as contratações para pessoas físicas atingiram R\$ 106 bilhões, e as novas operações para pessoas jurídicas totalizaram R\$ 83,9 bilhões. As operações de crédito rural, que começaram em 2012, somaram R\$ 3,4 bilhões de janeiro a setembro de 2014, cerca de R\$ 2,6 bilhões a mais que o registrado no mesmo período de 2013.

A carteira de crédito ampliada alcançou saldo de R\$ 576,4 bilhões, crescimento de 24,4% em 12 meses e de 4,4% no trimestre. De acordo com o balanço, a Caixa foi responsável por 37,7% do crescimento do mercado de crédito nos últimos 12 meses, com participação de 19,6% ao fim de setembro.



13/11/2014 - Portal Vermelho

Manifestação reúne 15 mil pessoas em defesa da Reforma Política



Os movimentos sociais e os partidos de esquerda “pintaram de vermelho” a Avenida Paulista novamente. Apesar da chuva que dificultou o percurso em diversas regiões da cidade, mais de 15 mil pessoas participaram de uma manifestação em defesa da Reforma Política democrática na tarde desta quinta-feira (13) na capital paulista.

Mas não só a luta pela Reforma Política agitou os movimentos sociais, que também foram para a rua mostrar aos setores conservadores a força do povo brasileiro. “Estamos na rua por mais direitos e contra a direita”, disse um dirigente do MTST. Isso porque, há poucos dias uma parcela ultra conservadora da sociedade se reuniu no mesmo lugar, no vão livre do Masp, para exigir um impeachment e um golpe militar. Em resposta o povo tomou as ruas para consolidar a vitória nas urnas.

No percurso da Avenida Paulista, os mais de 15 mil manifestantes foram embalados pelo som alto do carro de som.. A música Da ponte pra cá, dos Racionais, fez muitos cantarem juntos, afinal na periferia a banda toca diferente, e esse recado também foi dado. “ Não adianta querer ser tem que ter para

trocar, o mundo é diferente da ponte pra cá”, diz o refrão.

Mas diferente das manifestações que tradicionalmente percorrem apenas a Avenida Paulista, desta vez os manifestantes decidiram mudar o percurso e passar por uma das regiões mais ricas da capital, conhecida como Jardins, onde o candidato Aécio Neves teve cerca de 80% dos votos. O objetivo foi, literalmente “ dançar na cara da elite”. Ao som de Asa Branca os manifestantes dançaram na rua Jaú, em frente a um hotel de luxo. “ Estamos aqui nesta região rica para mostrar para essa elite branca que São Paulo é uma das cidades mais nordestinas do país”.

Um misto de desprezo e simpatia tomou conta das ruas nobres de São Paulo. Enquanto alguns moradores olhavam assustados do alto dos prédios luxuosos, porteiros, manobristas e outros funcionários sorriam e acenavam, alguns até aproveitaram para registrar a grande manifestação com seus smartphones.

Para o dirigente José Bitelli, da CTB, essa manifestação foi uma “ intervenção do povo”, ao contrário da direita que pede uma intervenção militar. Ele ressaltou a importância de os setores progressistas tomarem as ruas para garantir os direitos já conquistados e seguir com novas vitórias populares.

A CUT também defendeu a participação popular para garantir direitos e, principalmente, para fortalecer a luta pela Reforma Política e outras reformas estruturantes, entre elas as reformas urbanas e agrárias.

Os movimentos que lutam por moradia, entre eles o MTST e o FLM compareceram em peso na manifestação, milhares de pessoas das mais distantes ocupações fizeram questão de marcar participar da luta pela Reforma Política. Entre as comunidades presentes estavam a Nova Palestina e a Faixa de Gaza, reconhecidas pela resistência popular em defesa do direito à moradia digna.



Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação e Publicidade Ltda | Jornalistas Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731



A UJS também fez questão de participar e levou sua bandeira, a reforma da mídia. Desde a manifestação realizada em frente a Editora Abril contra a revista Veja, a entidade vem engrossando o coro da democratização dos meios de comunicação por acreditar que este setor é importante no processo de conscientizar a população em defesa das demais reformas necessárias.

O presidente municipal do PCdoB da capital paulista, Jamil Murad, afirmou que para garantir mais mudanças e fortalecer o governo da presidenta Dilma, os movimentos sociais devem estar nas ruas, ele vê este momento como um "fator novo na vida política nacional para impulsionar as reformas estruturais democráticas".

Ao contrário da direita que defende intervenção militar, e outros regimes antidemocráticos, "os trabalhadores, os estudantes, as mulheres, os partidos políticos de esquerda, os movimentos sociais, e os patriotas que lutam por um país melhor, estão na rua pela democracia", explicou Jamil.

De acordo com Jamil, a direita "não sabe perder", porque apesar da derrota, querem impor

medias governamentais como escolher o ministro da Fazenda, e o diretor do Banco Central, além de impor o corte de gastos com programas sociais. "Eles perderam, mas querem que a Dilma aplique a política deles, isso é uma coisa esquizofrênica", diz.

Já o presidente do PCdoB em Pirituba, Donizetti Cunha, classificou o local escolhido para a manifestação como "um bom recorte, iniciar a manifestação do vão do Mas, no mesmo lugar onde a turma do Aécio, essa elite branca, provou que não sabe perder". Segundo ele, o povo não está disposto a voltar ao passado, e por isso elegeu pela quarta vez um presidente progressista.



A manifestação contou com a participação de diversos movimentos sociais, entre eles UJS, CUT, CTB, Ubes, UEE-SP, MTST, FLM, Coletivo Fora do Eixo, Coletivo Rua, Levante Popular da Juventude e outros. Os manifestantes deram o recado, uma vaia ao preconceito, à polarização do Brasil e às medias reacionárias que os setores conservadores querem impor.



13/11/2014 - Portal Vermelho

Revisão do superávit reafirma compromisso de Dilma com o emprego

A grande mídia tem feito um estardalhaço em relação à proposta enviada ao Congresso Nacional pelo governo Dilma Rousseff que altera a Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2014 para permitir o abatimento do superávit primário de todo o gasto com ações do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e com as desonerações tributárias concedidas neste ano.

Durante campanha, presidenta Dilma se comprometeu a continuar o enfrentamento da crise sem sacrificar os trabalhadores. Durante campanha, presidenta Dilma se comprometeu a continuar o enfrentamento da crise sem sacrificar os trabalhadores. Sem explicar o que é superávit primário, a imprensa tenta deslegitimar a ação do governo e a oposição tucana já pegou carona nesse discurso chamando a medida de “estelionato eleitoral”.

Primeiro, vamos esclarecer aos nossos leitores o que é esse tal de superávit primário. Tudo que sobra, usando um jargão popular, do orçamento do governo depois que paga as despesas (educação, saúde, investimentos, etc.) com exceção dos juros da dívida pública, é o chamado superávit primário.

O mercado financeiro chama essa sobra de “economia para pagar juros da dívida” e, portanto, seguindo o raciocínio do mercado - cuja prioridade é o lucro - o fato de supostamente não ter esse superávit o governo estaria gerando uma desconfiância quanto ao pagamento da dívida pública e o controle da inflação. Esse é mais um mecanismo de camisa de força criado pelo sistema financeiro para pressionar as economias para o rumo que atenda os seus interesses.

A proposta do governo é reduzir a meta de superávit primário no montante das desonerações de tributos e dos gastos relativos aos investimentos do PAC. Na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), o limite fixo dos abatimentos era de R\$ 67 bilhões. Vale esclarecer também que essa LDO estabelece regras e parâmetros para que a Lei Orçamentária

Anual (LOA) possa ser elaborada, com metas e prioridades do governo. A proposta da LOA é feita de acordo com o Plano Plurianual (PPA), montado no primeiro ano de governo e orientada pela LDO, que a cada ano é obrigatoriamente enviada ao Congresso Nacional.

Portanto, a medida do governo Dilma é a reafirmação do compromisso assumido durante a campanha eleitoral, que garantiu a sua vitória nas urnas: promover o crescimento, mas com garantia de emprego e renda e não jogar o peso da crise nas costas do povo.

Terrorismo midiático

Em artigo publicado no jornal GGN, o doutor em economia Internacional pela UFRJ, Calor Assis, afirma: “É claro que isso é uma grande bobagem. Se não houver superávit - na verdade, mesmo quando há um déficit - o Governo paga a dívida velha, e o fluxo dos juros, lançando no mercado dívida nova sem necessidade de superávit primário, que é o resultado de uma receita tributária inferior à despesa corrente. Como essa dívida nova, uma vez lançada, é como dinheiro vivo nas mãos do seu tomador, porque pode ser trocado no BC a qualquer momento por moeda pelo tomador dos papéis, não há possibilidade de calote”.

Sobre a possibilidade de o déficit gerar inflação, Assis também é enfático: “Outra bobagem. Inflação é um fenômeno do ciclo econômico: se a economia está em baixa, o déficit não só é permitido pela boa macroeconomia como é benéfico por estimular a demanda agregada. A ideia de que todo déficit, em qualquer circunstância, e independentemente do ciclo econômico gera inflação é uma tese recorrente dos neoliberais ortodoxos, produto exclusivo de ideologia, já que um aumento de déficit significa mais poder econômico em mãos do Estado”.

Leia mais em:

<http://www.vermelho.org.br/noticia/253417-2>